

Uma das metas visadas pela reestruturação e aperfeiçoamento de processos desse periódico é a redução do tempo entre submissão e publicação. Essa redução é necessária inclusive para evitar a desatualização do que nele é publicado, mas não é suficiente para garantir sua atualidade. Ainda que sejam diminuídos os tempos dos processos de avaliação e publicação, a velocidade de uma mídia científica dificilmente será comparável à velocidade das mídias em geral, nem muito menos das redes sociais. A comparação entre, por um lado, as mídias comuns, populares, também chamadas de sociais, e, por outro lado, as mídias particularmente voltadas para a publicação científica, por mais absurda que possa parecer à primeira vista, revela alguns desafios que se apresentam para periódicos científicos.

Diversos setores de comunicação e notadamente o jornalismo passam por uma crise. Em revistas e jornais de massas são passíveis de questionamento a verificação de fatos e fontes e o papel da editoria, face à alternativa de difusão imediata de notícias através das redes sociais. O questionamento recai não na veracidade das notícias difundidas pelos referidos meios de comunicação, mas na curadoria editorial como certificação necessária para a credibilidade dessas notícias. O que é questionado é em que medida os emissores e também receptores de notícias difundidas nas redes sociais são mais ou menos confiáveis de que os emissores profissionais vinculados às revistas e aos jornais impressos, audiovisuais e digitais, voltados para os mesmos públicos.

No campo científico, poderíamos argumentar que essa crise não nos afeta porque a produção científica segue outra temporalidade e sua confiabilidade é garantida pela avaliação por pares, avaliação essa frequentemente cega quando poderia ser identificada, declarada e mais ainda transparente. Poderíamos mesmo sugerir que os trabalhos acadêmicos fossem escritos visando o retardamento de sua atualização, ao incorporar objetos, temas, abordagens e metodologias que não perdessem sua relevância no curto, médio e longo prazo. Desse ponto de vista, se o cientista desejar pronunciar-se sobre temas atuais urgentes, melhor seria procurar divulgar suas ideias em mídias e redes sociais.

De certa forma, observamos um pouco disso durante as manifestações de junho de 2013 que ocorreram em várias cidades brasileiras. Poucos eventos atraíram tantos intelectuais para a mídia em geral, e de forma correlata, poucas oportunidades surgiram anteriormente que levaram a um aquecimento da demanda por intelectuais das humanidades. Filósofos, sociólogos, cientistas políticos, economistas, psicanalistas e pesquisadores de Estudos Organizacionais foram escutados. Houve também uma onda de novos livros, escritos e distribuídos por editoras de renome em poucas semanas. Em pouco tempo, observamos falas, réplicas e tréplicas através dos meios de comunicação de massa: intelectuais que pouco se citavam através de seus artigos acadêmicos, estavam lendo atentamente seus pares e ao mesmo tempo, observados por parcelas importantes de formadores de opinião na sociedade brasileira.

Se as temporalidades das mídias científicas e das mídias e redes sociais são distintas, perguntamos como Organizações e Sociedade, O&S, com o status de periódico científico reconhecidamente qualificado, pode contribuir para esse debate e outros debates atuais e relevantes não apenas para comunidade científica, mas para a sociedade em geral, com interesses que podem extrapolar os limites nacionais e alcançar o âmbito internacional.

Mônica de Aguiar Mac-Allister da Silva
Editora-Chefe

Charles Kirschbaum
Avaliador e Autor

